

MAEVE HARAN

A DAMA DO RETRATO

Tradução de Raquel Lopes

A Dama do Retrato

Podereis pensar que não conheceis o meu rosto ou o meu nome e, no entanto, boa gente, há mais de trezentos anos que me transportais nos vossos bolsos. Pois eu sou Frances, a quem chamaram «La Belle Stuart», e fui amada por um rei (e perseguida por ele durante cinco anos), e a verdade é que posei como modelo de Britânia, estampada na moeda de cobre de Inglaterra.

Esta é a minha história; caber-vos-á decidir se é um grande romance ou uma tragédia.

Prólogo



Paris, 1659

Frances Stuart baixou-se, desapertou o sapato gasto e coçou a vermelhidão dolorosa dos dedos dos pés. A mãe decerto não aprovaria um gesto tão vulgar, pois uma senhora não sente dor, exaustão, fome, nem, seguramente, comichão.

As frieiras atormentavam-na desde novembro e – desde coçar a usar dois pares de meias, passando pela mezinha da sua velha ama, que consistia em esfregar batata na pele inflamada – nada adiantara. A costureira da mãe sugerira clara de ovo com mel e um moço de cozinha contara de passagem que o seu senhor usava limões cortados ao meio, que espremia sobre os dedos das mãos e dos pés quando tinha comichão. Porém, de que lhe serviam tais conselhos? Onde conseguiria encontrar mel ou limões naqueles tempos de escassez?

Antigamente, antes dos problemas do outro lado do Canal, quando o rei ainda mantinha a cabeça, não faltavam mel nem limões. Agora, para comer só tinham sopa (e não com muita carne), pão velho e nem por sombras mel ou limões. E, contudo, ela não morava nos bairros pobres de Paris, entre os leprosos e aqueles que a peste ia colhendo. Não, ela, Frances Teresa Stuart, de nobre linhagem escocesa, prima distante do rei Carlos I, vivia na corte da sua viúva, a rainha Henriqueta Maria, no Palais Royal – onde quase morria de fome.

E de frio, também. Os grandes aposentos ressoantes que lhes haviam sido emprestados – com relutância – pelo rei francês raramente eram aquecidos e elas tinham pouco dinheiro para comprarem combustível com que se aquecer, e muito menos às hordas de *Cavaliers*¹ esfarrapados e soldados famintos que se juntavam à rainha. Quando, um ano antes, o tirano Cromwell fora abatido por Deus, tinham dançado nas divisões geladas e esperado que a situação se alterasse, mas as circunstâncias de penúria persistiam.

Como qualquer jovem, Frances ansiava por fitas, sedas e vestidos bonitos; em vez disso, eram todas obrigadas a fazer os seus trajes com roupa das camas em que dormiam!

Voltou a sentir uma forte vontade de se coçar e, para se distrair, abriu o seu caderno, no qual registava os sonhos, os planos e os pensamentos mais secretos que tinha. Naquele dia não escreveu, optando por desenhar. O seu esboço preferido era o de uma bela casa senhorial, com uma torre e oito chaminés altas, construída com tijolos dispostos em ziguezague. Por que motivo seria sempre aquela casa que lhe surgia quando pegava na pena? Seria por nunca ter tido uma casa a que pudesse chamar sua, campos onde pudesse correr, passagens onde brincar às escondidas, braços suaves de pedra dourada que a protegessem, um jardim cheio de rosas e cravos que a lembrassem de que se encontrava no seio delicado de Inglaterra? Em vez disso, vivia ali, entre estranhos, falando francês antes de dominar a língua materna, desde que tinha memória.

Ouviu passos e calculou que fosse a irmã, Sophia, pelo que escondeu o caderno debaixo de uma almofada muito puída, fingindo estar a construir um castelo de cartas.

A prática dera-lhe agilidade aos dedos e já tinha feito o terceiro andar do castelo quando Sophia entrou de rompante na câmara, seguida pela mãe e acompanhada por uma aia da rainha, Mary Villiers, a quem todos tratavam pelo diminutivo de Mall.

A irmã observou o castelo de cartas, com a cabeça inclinada como a de uma galinha tonta a pensar se o galo se dignará cobri-la, e depois,

¹ Nome dado aos membros da cavalaria apoiante da causa monárquica e que, anos mais tarde, dariam origem aos *Tories*. (*N. da T.*)

ao reparar que a mãe delas e Mall estavam distraídas com a conversa que entabulavam, derrubou-o discretamente.

A mãe, Sophia Stuart, continuou a falar sem dar por nada, mas Mall, de cabelo castanho e olhar lesto, conhecida nos seus tempos de juventude pelas partidas e brincadeiras que fazia, fitou Frances por um instante e dirigiu-lhe um sorriso compreensivo. Quando tinha vinte anos, Mall era uma beldade, e via na elegância delicada e esguia de Frances um reflexo de si mesma enquanto jovem. Quando havia cabeças francesas a voltar-se para admirarem Frances, Mall ficava mais agradada do que a mãe dela.

– Frances – pediu-lhe –, traga-me o meu livro de Salmos. Está no meu armário, ao lado da arca onde guardo os pentes. E também está lá um doce que pode ser a sua recompensa.

A irmã lançou-lhe um olhar de inveja venenosa, pois, naquele lugar, os doces eram tão raros como dentes de galinha.

Quando começava a sair do quarto, um roçar de saias de seda anunciou a chegada de Sua Majestade, a rainha Henriqueta Maria, e da filha mais nova desta, a princesa Henriqueta Ana.

Henriqueta Maria atravessou a divisão e postou-se diante da grande janela de onde se via a ala norte do palácio do Louvre. Os aposentos delas eram ao lado, de frente para as colunatas do palácio, que tinham uma simetria e uma estatura alheia aos edifícios londrinos, exceção feita ao grande pavilhão de banquetes de Whitehall, cujo nome ninguém podia mencionar na presença da rainha, já que fora o local da execução do seu amado esposo.

Apesar dos muitos sofrimentos, reparou Frances, o cabelo da rainha mantinha o brilho, e os seus olhos não revelavam indício algum de derrota. Até o seu filho, o príncipe Carlos, recuperar o trono e ser coroado como Carlos II, o fulgor da batalha nunca lhe abandonaria o olhar. Mesmo nas vestes negras e simples que usava desde a morte do marido, ainda parecia a rainha nobre, emanando uma dignidade real, que tantas vezes fora retratada em sedas e cetins por mestre van Dyck.

E, contudo, parecia a Frances que o que a destacava era uma qualidade mental, pois a sua aparência poderia ser considerada pequena e desinteressante. De facto, a própria sobrinha da rainha declarara-se chocada por a bela dama dos retratos ser na verdade uma mulher

pequena de longos braços finos, ombros descaídos e dentes projetados como canhões de um forte.

Frances recuou. A rainha tinha uma estatura tão reduzida que ela, com um metro e setenta e dois, por vezes se sentia uma gigante, como a irmã tinha o costume desagradável de lhe chamar.

Ao fundo da grande divisão vazia, surgiu um pajem. Ao observá-lo melhor, Frances viu que era um dos anões de libré da rainha. A sorrir, ele entregou uma carta à rainha.

– De Sua Alteza, o príncipe Carlos.

Fez uma vénia profunda, beijando os pés da rainha com uma agilidade surpreendente para alguém tão robusto.

A rainha rasgou o selo com dedos nervosos.

– Ele vem cá! O meu filho está a caminho, vem visitar-me!

De repente, sem outro motivo para além da popularidade do príncipe, e porque todos sabiam que os seus encantos e boa disposição os animariam num momento em que tal era mesmo necessário, todos começaram a aplaudir.

A princesa Henriqueta Ana parecia ser quem ficara mais feliz.

– O meu querido irmão chega na próxima semana – exclamou ela.

– E é certo que não o vi nem uma vez durante estes cinco anos. Hurra!

E, agarrando nas pequenas mãos do anão, começou a dar voltas pela divisão até que, por fim, exaustos e tontos, se deixaram cair.

– Henriqueta, esqueces-te de quem és?! – reprovou a rainha. – Terás de reaprender a comportar-te como uma princesa.

Henriqueta riu-se.

– Não por causa do meu irmão. Ele é o príncipe menos afetado de toda a Cristandade!

– Também ele terá de aprender a adotar a conduta de um rei. Mesmo que esteja exilado.

Frances dirigiu um sorriso triste a Mall. Ela sabia que os Franceses desprezavam Carlos e lhe chamavam «Príncipe Esfarrapado». Henriqueta Maria tentara recompor a fortuna com uma grande aliança, mas não havia princesa elegível ou dama nobre que julgasse que o nosso príncipe Carlos fosse um grande partido.

Pediu então licença e foi em busca do livro de Salmos de Mall, com a ideia de um doce a apressar-lhe os passos.

Na grande galeria que se seguia aos seus aposentos, deparou-se com uma visão tão triste que não pôde evitar parar e fitá-la. Tratava-se de um bando de ex-soldados, sujos, desorganizados e desesperados por uns quantos soldos, que estava naquele momento a raspar o dourado do teto do palácio, esperando poder vendê-lo. Na ponta da outra galeria, havia um homem debruçado na janela, preparando-se para quebrar o painel de vidro, cobiçando o preço do chumbo que o emoldurava.

Frances sentiu uma vergonha profunda por uma causa tão nobre poder chegar tão baixo.

– Parem! – ordenou, esquecendo quão jovem era e tentando, para variar, endireitar-se e exibir toda a sua estatura. – Que é feito da vossa honra, se desbastam este palácio como um exército a saquear?

O líder dos homens, tão tisonado e imundo como um corsário no alto-mar, avançou na direção dela, com uma expressão lasciva.

– Como um exército a saquear, foi o que disse, minha bela senhora? – replicou ele, aproximando tanto o rosto do dela que esta lhe sentia o hálito fétido. – E sabe como agem os exércitos quando passam meses nos campos de batalha, sem vinho nem mulheres?

Agarrou-lhe o vestido com os dedos sebertos.

Frances imobilizou-se, combatendo a bília que lhe subia à garganta, instando-se a fazer frente àquele cobarde que se atrevia a ameaçar jovens.

Entre os gritos de encorajamento da corja de soldados, uma voz intrometeu-se.

– Largue a senhora, seu verme fedorento!

Frances viu-se arrancada às garras do seu atacante e atirada para o lado por um jovem alto com cabelo castanho arruivado e um olhar de raiva assassina.

– Foi a isso que se reduziu, a ser capaz de violar a inocência desta jovem? Foi a nossa luta, a perda de vidas e da pátria, em vão, para se comportar desse modo?

O soldado fitou o elegante gibão de brocado do desconhecido.

– É fácil falar, quando se tem dinheiro para comer! Se não temos comida nem calor, ao menos podemos...

Completo a frase com um gesto cruel que apontava para Frances, com os olhos famintos fixos no camiseiro rasgado dela.

– O príncipe Carlos vem a caminho. Julga que ele vai gostar de saber que os seus próprios homens lhe pilharam o palácio e violaram as virgens aqui presentes? – A mão do desconhecido aproximou-se ameaçadoramente da espada que tinha ao cinto. – Afaste-se agora, ou pagará esta afronta com sangue!

– Então foi para isto que travámos uma guerra? – perguntou o soldado, já a fazer sinal, ainda que a contragosto, para que os seus homens partissem. – Para passarmos fome e nos vermos banidos, sem sequer um teto que nos cubra as cabeças?!

– Mais vale que assim seja – retorquiu o desconhecido que a salvara. – Pois parece que o venderiam, se o tivessem!

Assim que os soldados abandonaram o palácio, ele voltou-se para Frances, observando a seda rasgada do seu vestido, que ela tentava, debalde, disfarçar.

– Está recuperada, minha senhora? Espero não a ter magoado quando a segurei.

Estendeu-lhe uma mão para a ajudar a levantar-se.

Por um instante brevíssimo, entreolharam-se e ela detetou o desejo que também obscurecia os olhos dele, ainda que tentasse ocultá-lo.

Não sabia se era alívio, a intensidade do momento ou uma emoção rodopiante e mais profunda, mas, no seu íntimo, sentia um arroubo correspondente de anseio e desejou que ele se debruçasse e a beijasse.

Para dissimular a confusão perante uma reação tão estranha e vergonhosa, respondeu-lhe num tom mais ríspido do que tencionava:

– Poderia ter defendido a minha honra sem a sua intervenção, senhor.

A gargalhada dele apanhou-a de surpresa.

– Por Deus, tenho a certeza de que sim. Aquele rufia teria ficado de rastos no chão, e os comparsas dele também, abatidos por um vislumbre desse seu olhar severo. Não duvido de que, na última guerra, teria sido capaz de aniquilar batalhões inteiros com um olhar.

Frances sentiu-se na obrigação de moderar aquele exagero.

– Bem, batalhões inteiros, não. Para além disso, só nasci depois das grandes batalhas terem sido travadas.

– Estou certo de que esses pequenos pormenores não a teriam refreado.

Vendo que ele estava realmente a rir-se dela, endireitou-se garbosamente, ciente de que a sua altura intimidava muitos homens. Mas não aquele, que media pelo menos um metro e oitenta.

– Então – voltou ele de novo, com uma grande vénia e um brilho trocista no olhar –, que deusa vingadora tenho a sorte de estar a conhecer?

O som de risos amenizados revelou a Frances que a sua irmã Sophia, possivelmente acompanhada da filha de Mall, Mary, se aproximava muito depressa, sem dúvida querendo saber onde paravam o livro dos Salmos e o doce. Olhou de relance para trás. Quando tornou a virar o rosto para a frente, o seu salvador estava prestes a partir.

– Nada tema – disse, beijando-lhe a mão –, encarregar-me-ei de o descobrir. Por ora, chamar-lhe-ei Diana, deusa casta, que defende a sua honra não com arco e flecha, mas com palavras aguçadas e olhares sombrios.

Para seu grande alívio, dado que não queria que a sua irmã transformasse aquele incidente numa história muito badalada, quando Sophie apareceu já o desconhecido partira.

– Frances? – espantou-se a irmã, com o seu olfato para rumores a dar sinal como um vedor a detetar água. – Porque demoraste tanto? E quem era aquele jovem que acaba de partir tão apressadamente?

– Deparei-me com alguns soldados a roubar chumbo e ouro, pelo que tive de os persuadir a desistir desses intentos.

Sophie fitou-a.

– Isso não terá sido insensato, tendo em conta que és tão nova?

Um sorriso arqueou os lábios de Frances enquanto respondia:

– Não te preocupes. Nós, deusas, sabemos defender-nos.

Sophia abanou a cabeça.

– Que tontaria é essa? É verdade que és tão alta como a Gigante de Bermondsey, mas uma deusa? Isso parece-me uma fantasia pagã... e, ainda por cima, blasfema.

Frances disfarçou o sorriso e deu a mão à irmã. Tal como a mãe delas, cujo nome ela partilhava, Sophia nunca tivera sentido de humor. Frances quase se esquecera de quanto se divertia com alguém que o tivesse.